CARIRI [*]

ANTÔNIO BEZERRA

Constitui o Cariri a zona ubérrima que se estende ao sopé da serra do Araripe numa extensão de cerca de 200 quilômetros, com largura irregular, a qual é banhada por correntes perenes como o Caldas na Barbalha, Grangeiro e Batateira no Crato, que formam as nascenças do Rio Salgado, e por inúmeros olhos d'água, alimentos da agricultura, de cuja exuberância só tem podido ser bem avaliada em anos de sêca.

Por sua posição e fertilidade está aquêle delicioso oásis isento da tremenda calamidade.

Terreno predileto da cana e dos cereais, em bem poucos lugares dêste imenso país se ostentam aquelas gramineas com mais viço e esplendor.

A cana plantada uma vêz, reproduz-se por espaço de cinquenta e mais anos, dando sempre bôa colheita ao lavrador, que apenas lhe dispensa o cuidado necessário de livrá-la do afôgo das plantas sarmentosas.

Na Barbalha uma estaca dessa valiosa arundinácea produz setenta touceiras. (sic)

Devido a frescura e humidade do solo, resiste o milho à ausência das chuvas no inverno por cinquenta e mais dias, e está reconhecido que um grão produz de 400 a 500. Em terrenos especiais, um grão de arrôz produz de 500 a 800, e, como nas melhores terras do Maranhão, dá êste delicioso cereal duas e três colheitas por ano.

Uma tarefa de mandioca João Grande produz 40 quartas de 80 litros em seis meses.

(*) Remetido por um sócio correspondente do Instituto, chegou-nos há tempos um precioso original de nosso saudoso consócio Antônio Bezerra, intitulado "Cariri", onde o criterioso historiador estuda aquela região do Ceará.

O trabalho de Antônio Bezerra foi escrito, segundo nos informou o ofertante, para o "Almanaque Popular Brasileiro", de Pelotas, Rio Grande do Sul. Não sabemos se chegou a ser divulgado. Pelo sim ou pelo não, sai publicado neste número da Revista, em homenagem ao autor e à região por êle estudada

No Município do Araripe, antigo Brejo-sêco, a mandioca ocupa um espaço de 180 quilômetros, (sic) onde se conserva até dez anos; e desde que aparece consumo, derruba-se o mato que cresceu no mesmo terreno, e aproveitam-se as túberas que nem por isso deixam de produzir menos fécula alimentícia.

Vi caules dessa utilíssima euforbeacea que se elevavam a seis metros de altura.

No ano de 1889, tempo de sêca, exportou a vila de Araripe 26 milhões de litros de farinha.

O fumo no Cariri desenvolve-se de modo prodigioso; vi folhas que tinham mais de metro de comprimento sôbre 50 centímetros de largura. E tudo isso pelo modo grosseiro e atrasado por que se agriculta naquela região.

Ali o solo, o vale, a serra prendem a atenção do homem que estuda.

Fragmentos por toda a parte de peixes, de insetos, do moluscos, de anfíbios e até de esqueleto humano, envoltos em substância calcárea em estado de cristalização ou melhor de spatilização, fazem acreditar que aquêle pedaço do território cearense estivera durante longo período coberto pelas águas.

Georges Gardner, o sábio professor de Calcutá, que residiu por alguns meses na cidade do Crato, pretendia que o Cariri havia sido fundo do mar.

O que é certo é que, achando-se abundância dêsses fósseis no Museu Nacional, onde assistem professores nacionais e estrangeiros, a paleontologia tem pouco adiantado do que sabemos a respeito.

As serras oferecem outro assunto não menos atraente.

De 929 metros acima do nível do mar conservam elas a mesma altitude com pequenas diferenças em todo o seu prolongamento, a exceção dos extremos que descem para o vale, como na vila do Araripe e ponta meridional do lado do rio de S. Francisco.

A chapada, que varia de 18 a 48 quilômetros na largura, apresenta por toda a parte a mesma planície, onde se vêm os mesmos indivíduos da vegetação hamadríade da beiramar, sobressaindo a anacardiácea — cajui, e a rizobolácea — pequi, cujas frutas prestam grande auxílio à população pobre.

A amêndoa dêste último, que é sobremodo saborosa e substancial, fornece ainda finíssimo oleo que é muito apreciado, e há de prestar grande serviço à indústria quando fôr devidamente conhecido.

Os pequis, em anos de sêca, dão frutos duas vezes, em maio e em outubro.

Os terrenos superiores compõem-se de areia e de argila, desagregações do psamito, que forma grande parte das rochas do Araripe.

As águas das chuvas que caem naquele região se escôam lentamente e vão para a camada do gneis, base da serra, donde jorram da falda para o vale e formam inúmeras fontes do lado do Ceará, não podendo aparecer no Piauí, por ser mais alta daquela banda a rocha constitutiva do depósito.

Alguém supõe que essas águas vem do Rio S. Francisco, mas basta atender-se que aquêle rio corre em nível mais baixo e na distância de mais de 180 quilômetros, como tive ocasião de verificar, para convencer-se da sua impossibilidade quem quer que tenha tido dúvida a respeito.

Os riachos que descem do Araripe pelo lado do sul dirigem-se todos ao Rio S. Francisco.

Aos que recusam aceitar que as águas que alimentam as fontes sejam das

chuvas por filtração na montanha, baseando-se no fato de que no ano de 1877, quando não houve inverno, foi justamente o tempo em que se tornaram mais abundantes, responde-se: que as cobreditas águas levam um ano, dois e mais para chegar ao ponto terminal, e por conseguinte que as daquele ano haviam sido produzidas pelos invernos anteriores.

A cidade do Crato acha-se situada a 423 metros e 91 centímetros acima do nível do mar; pois bem, as fontes do Grangeiro e Batateira irrompem da serra a 60 metros acima do nível daquela cidade.

Convém ainda notar que, onde existe um ôlho d'água, corresponde-lhe uma depressão mais ou menos sensível no cimo da serra; e tanto assim é que desaparecem as vertentes desde Ipueiras, onde surge a rocha nua que, como um espinhaço, se dirige até Brejinho, a 3 quilômetros da vila do Araripe, em cuja confrontação torna à mesma formação da serra em geral.

Por aqui não faltam nascenças.

Raimundo Salviano, morador no sítio Cabreiro, a leste de S. Rosa, cavou tanto uma fonte, internando-se pela serra, que por fim conseguiu aumentar consideràvelmente o volume d'água.

Tenho provas para não ser convencido do contrário.

O vale do Cariri, ao que parece, deve ter passado por grandes transformações.

Documentos do século passado afirmam que o rio Salgado corria até além da cidade do Icó, sendo engrossado pelo Riacho dos Porcos, que nasce do Jardim, e pelo Caldas, Grangeiro, Batateira e Carás, que saem do grande vale.

As águas espadanavam por toda a parte.

Quando Frei Fidelis, religioso franciscano, sentou em 1704 as bases da capela de N. Senhora da Penha no Crato, fê-lo na margem de uma lagôa que ocupava o espaço da praça hoje da matriz, e o lado oposto pouco distava da serra do Araripe.

As casas dêste lado foram construidas com calçadas de quatro palmos de altura por causa da grande humidade, e pouco e pouco ficaram aterradas pelas areias que desciam dos altos arrastadas pelas chuvas.

A serra nos séculos anteriores devia ser unida à de S. Pedro e às adjacentes, formando uma só cadeia, mas pela dissolução tem-se separado e ameaça com o correr dos tempos desaparecer de todo.

Ha concorrido para essa grande perda a destruição das matas que lhe serviam de anteparo à violência das águas, destruição que teve começo desde o tempo dos primeiros povoadores de 1703 em diante.

De quando em vêz desaba um pedaço, que não só aterra o vale mas torna mais sêco o terreno.

Em 1889, os sítios Vale-verde e S. Vicente foram invadidos em mais de cem metros pelas areias e blocos de schisto argiloso que desceram da serra.

A mata desapareceu totalmente do vale, e hoje apenas existe, no sítio Cabeça, uma amostra de quão luxuosa e esplêndida devia ter sido a vegetação nessa abençoada região.

É sabido que se tornam mais escassas as águas à proporção que aumenta a ausência da mata.

Em Brejo-Sêco, outrora lugar inundado, hoje obtém-se água, no mesmo sítio, a dez e doze palmos de profundidade, e a prova está no nome que se deu à localidade

Em 1832 o Coronel Pinto Madeira, oferecendo combate na Barbalha à fôrça de Antonio Cavalcante, guardou todos os pontos menos o brejo Salamanca, que êle sabia era impossível de atravessar por causa das lamas e atoleiros.

Aconteceu o que êle previa; morreram diversos soldados das tropas legais.

Atualmente apresenta o brejo feição muito diferente; as areias aterraram os pântanos, e si bem que tenha diminuido o rigor e excesso de vegetação, melhoraram as condições climáticas, cessaram as oftalmias, as febres palustres e as chagas cancerosas, conhecidas pelo nome de bôbas, que era um tormento para a população.

Tem sofrido o vale do Cariri grandes transformações, repito, que fizeram decrescer o seu valor, mas apesar de todos êsses estragos, continuo a pensar que aquela ubérrima região vale por si o resto do Estado, inclusive o Baturité ainda com a sua esplendorosa riqueza do café.

O futuro o decidirá.